

UM OLHAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA EM UMA ESCOLA NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE MIPIBU-RN

Luciere Cavalcante da Silva¹; Robécia Graciano de Souza²; Daliane Braz Fernandes³

Colégio Conhecer Educacional: centroeduc.conhecer@gmail.com; cavalcanteluciere@yahoo.com.br¹; robeciagraciano@yahoo.com.br²; daly_bf@yahoo.com.br³

Resumo: O ensino de História indígena ainda é um permanente desafio em sala de aula, devido ao processo histórico concernente ao ensino no Brasil, pois este deixou muitas lacunas em aberto que precisam ser amenizadas pelas políticas públicas e profissionais comprometidos com a Educação. E diante do movimento de inclusão no Brasil e da luta dos povos indígenas, a história indígena destaque com a promulgação da Lei 11. 645 de fevereiro de 2008, que tornou obrigatório em todo o currículo nacional, dos ensinos fundamental e médio, público e privado, o estudo da história e da cultura indígena, com lembra Itamar Freitas (2010). Este trabalho teve como objetivo fornecer aos educandos algumas contribuições referentes às atualizações concernentes ao ensino de História Indígena e a História local dos povos indígenas que habitaram e habitam o Brasil e em especial a região do Nordeste. As nossas atividades foram desenvolvidas na Escola Conhecer Educacional, localizado na Rua Prefeito Henrique, no município de São José de Mipibu/RN. Foram realizadas no mês de junho de 2017, sendo executadas em três etapas, com educandos do ensino fundamental II, da turma do 7º ano no turno matutino. Constatamos que é de fundamental importância trabalhar e a questão da identidade dos povos indígenas, para promovendo a mudança de atitudes preconceituosas em sala de aula e fora dela. Nesse sentido, o ensino de história pode fazer é desenvolver a consciência histórica para níveis mais complexo e com panoramas de experiência de passado mais ampliados.

Palavras chave: História indígena. Lei 11.645. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O ensino de História indígena ainda é um desafio em sala de aula, sabemos que o processo histórico do Brasil relacionado ao ensino deixou muitas lacunas em abertas. Diante do movimento de inclusão, a maioria costuma dizer que a inclusão, deve-se ao da promulgação da Lei 11. 645 de fevereiro de 2008, que tornou obrigatório em todo o currículo nacional, dos ensinos fundamental e médio, público e privado, o estudo da história e da cultura indígena, com lembra Itamar Freitas (2010). A resolução das questões referentes a cultura indígena, contribuição econômica e política, formação nacional estava solucionada. Nesse sentido, a inclusão da História indígena ultrapassa as fronteiras da legislação ou Leis de

Diretrizes e Bases Nacional, mas ela evidencia um compromisso ético, com a tolerância que todo brasileiro deve ter da ideia de “viver bem com o outro”, como ressalta o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2001), ela é uma necessidade de todos os seres humanos que convivem em sociedade.

Contudo, ainda existe dúvidas e dificuldades da maioria dos profissionais de ensino no que se refere a História Indígena e acreditamos que essas dificuldades estejam relacionadas a falta de formação básica e continuada dos docentes e gestores educacionais, que refletem na falta de diálogo entre a produção acadêmica, o currículo nacional e local.

É mediante esses questionamentos e anseios que buscamos tornar nossa prática docente dentro e fora de sala de aula mais participativas, proporcionando ao discente um olhar para si como um sujeito ativo no processo de aprendizagem. Assim, buscamos utilizar os conteúdos como meio para o desenvolvimento da nossa temática, e não como fim. Buscamos sempre que possível, em meio às aulas, fazer ligações entre o presente e o passado, tornando possível estabelecer noções de continuidades e rupturas, para que possam observar que o presente em que estão inseridos tem origem no passado que está sendo estudado, tornando o passado significativo e importante de ser conhecido. Este trabalho teve como objetivo fornecer aos educandos algumas contribuições referentes às atualizações concernentes ao ensino de História Indígena e a História local dos povos indígenas que habitaram e habitam o Brasil e em especial a região do Nordeste.

Por intermédio do livro didático, fontes imagéticas, trechos de livros, e pesquisas em diversos sites e revistas que contribuíssem para amenizar os desafios relacionados ao ensino de História Indígena.

METODOLOGIA

Buscamos, em nossas aulas em sala, aproximar o conteúdo da disciplina de história e a realidade dos educandos, usando análise comparada para favorecer o desenvolvimento das noções de permanência, ruptura, continuidade e mudança. Entendendo que o objetivo da aula de História não é fazer dos alunos “enciclopédias ambulantes” ou “comedores de livros”, mas sim cabeças pensantes, participativas, autônomas e críticas, como ressalta Edgar Morin em seu livro *A cabeça bem-feita* (1999).

As atividades foram desenvolvidas na Escola Conhecer Educacional, localizado na Rua Prefeito Henrique, no município de São José de Mipibu, no Estado do Rio Grande do Norte. Foram realizadas no mês de junho de 2017, sendo executadas em três etapas, com educandos do ensino fundamental II, da turma do 7º ano no turno

matutino, estes apresentavam faixa etária de 12 a 14 anos, somando um total de vinte e dois alunos.

Inicialmente, foram apresentados em sala de aula, de maneira expositiva e visual, conceitos importantes como: descobrimento, apropriação, pagão, antropofagia e diversidade. Visando uma breve iniciação à temática do projeto, objetivando sempre exemplificar a presença desses conceitos na realidade em que os discentes estão inseridos, por exemplo: comemoração do dia do índio, descobrimento do Brasil, comidas típicas da região, assim, buscando evidenciar seu pertencimento à cultura local e a importância do legado cultural deixado pelos povos indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Utilizaremos o livro didático adotado na escola, da editora SAE DIGITAL S/A, Ensino fundamental 7º ano história, unidade 5- América e Brasil, capítulos 1 ao 3, que ressaltam a importância dos questionamentos e os conceitos destacados anteriormente, para serem trabalhados. Os capítulos Maias, incas e astecas, o segundo capítulo voltado para o descobrimento e o terceiro para Povos indígenas brasileiros. Então, a primeira intervenção foi intitulada “a conquista da América através de mitos e fontes imagéticas”, tendo por objetivo possibilitar a construção de novos pontos de vista referente às crenças indígenas através das imagens expostas no livro didático, na medida em que empregaremos esforço na desconstrução de preconceitos. I

A segunda etapa efetivou-se com apresentação de seminários e fontes imagéticas com os seguintes temas: Potiguaras, Cariris, Tupi-guarani e povos indígenas hoje, que expressam na prática os conceitos, apresentados na etapa anterior em sala de aula, e que se fazem presentes no cotidiano dos discentes mesmo sem eles identificarem em sua comunidade. Pois, a cidade de São José de Mipibu, no passado foi uma aldeia indígena. Segundo informações do Idema-RN e Prefeitura de São José de Mipibu:

Em 1630 existia um aldeamento no território, cujo nome era Mopebu, o maior, mais populoso e o principal entre as seis aldeias da Capitania do Rio Grande do Norte. No relatório do bragantino Adriano Wedouche constava que "existiam na capitania cinco ou seis aldeias que reunidas podiam contar de 700 a 750 índios flecheiros e que a principal flecha era chamada de Mopebu". Foi este aldeamento que deu origem ao nome do município. (Fonte: Idema-RN e Prefeitura de São José de Mipibu)

Evidenciar para os discentes que a cidade de São José de Mipibu foi constituída a partir de uma aldeia indígena, ameniza a generalização que somente as

regiões Norte e Centro-Oeste têm tribos indígenas. Ou seja, os pontos de partida para o ensino crítico concernente a História indígena são pensar na construção de identidades sistematicamente negadas e nas possibilidades de reconstruir e valorizar a diversidade das tribos indígenas na atualidade.

O segundo ponto é desmitificar imagens genéricas do índio e das representações no dia 01 de abril, que é uma visão eurocêntrica que os europeus tiveram sobre o território brasileiro no momento de ocupação e da colonização, mas que ainda persiste nos livros didáticos e na mentalidade da maioria da população brasileira. Nesse sentido, os docentes devem buscar enfatizar em sala de aula o estudo acerca das comunidades nativas do Brasil sob a perspectiva de reconhecimento de sua cultura e não do seu juízo de valor.

A terceira etapa efetivou-se, com uma discussão produtiva referente a participação efetiva dos povos indígenas nos diversos momentos históricos ao longo da História do Brasil. Desnaturalizando a ideia equivocada da presença do “índio” apenas na época do “Descobrimento” ou somente na “formação do Brasil”, problematizando o lugar pensado e o ocupado pelos povos indígenas na História do país.

Precisa-se ir além do superficial, mas sim delinear a verdadeira história das diversas etnias que ocuparam e ocupam o território brasileiro. Visando contribuir para a valorização desses povos para a formação cultural da nação brasileira, que por tanto tempo forma silenciados pela elite brasileira, que ainda está arraigada em uma mentalidade de uma “cultura europeia”. Para que haja transformações culturais são necessários a disseminação de informações atualizadas sobre a constituição histórica das sociedades indígenas e, principalmente os conceitos como: identidade, alteridade, cultura, tolerância e diversidade. Como ressalta Itamar Freitas (2010), é necessário que o professor problematize situações cotidianas e organize estratégias de aprendizagem compatíveis com o nível de escolaridade dos discentes. Dessa maneira, promovendo a mudança de atitudes preconceituosas em sala de aula e fora dela.

Nesse sentido, procuramos, em nossas aulas, afastar-se um pouco das aulas conteudistas e factuais, carregadas de vários tipos de conceitos que não trazem muitas significâncias para a maioria dos discentes, pois esses tipos de aulas, muitas vezes, estão distantes da realidade que eles vivenciam. Como também procuramos nos distanciamos de aulas que podem reforçar a ideia que nossa cultura é o centro de referência para todas as coisas e a avaliação dos outros, colocando segundo os nossos modos de agir, pensar e sentir, que normalmente têm se transformado em conceito pré-formado, desemborcando no preconceito e discriminação dos

demais que são diferentes.

É preciso que o docente reveja seu arcabouço teórico para desmistificar o fato que ainda marca o Ensino de História destinado ao ensino básico, e como se observa na afirmação de Mendes e Martins (2006, p.13), “muitas vezes, determinados conteúdos não apresentam qualquer significado para os alunos, fazendo-os isolar-se das atividades propostas pelo professor, alienando-os do processo educativo previsto no planejamento”.

É mediante esses questionamentos e anseios que buscamos tornar nossa prática docente dentro e fora de sala de aula mais participativas, proporcionando ao discente um olhar para si como um sujeito ativo no processo de aprendizagem. Assim, buscamos utilizar os conteúdos como meio para o desenvolvimento da nossa temática, e não como fim. Buscamos sempre que possível, em meio às aulas, fazer ligações entre o presente e o passado, tornando possível estabelecer noções de continuidades e rupturas, para que possam observar que o presente em que estão inseridos tem origem no passado que está sendo estudado, tornando o passado significativo e importante de ser conhecido.

CONCLUSÃO

Visando a uma breve iniciação à temática do projeto, objetivando sempre exemplificar a presença desses conceitos na realidade em que o discente está inserido, por exemplo: comemoração do dia do índio, descobrimento do Brasil, comidas típicas da região, assim, buscando evidenciar seu pertencimento à cultura local e a importância do legado cultural deixado pelos povos indígenas.

Em síntese, o que é proposto não se distancia do currículo escolar que abarcar o direito de os educandos terem acesso à diversidade da experiência histórica brasileira, por intermédio da disciplina escolar História um instrumento de construção da identidade e de alteridade. Pois, a Lei 11.645/2008 representa um grande avanço no reconhecimento da pluralidade étnica brasileira, conforme Itamar Freitas (2010) a Lei 11.645/2008 não é uma invenção ou criação de uma nova disciplina, mas sim uma conquista da contribuição dos povos indígenas para a formação étnico-cultural brasileira. Daí a importância de trabalhar a temática da história indígena, partindo da história local, de maneira a mobilizar conhecimentos prévios dos educandos e tornando as aulas mais produtivas.

Enfim, “O aprendizado da história é influenciado pelo ensino de História”, assim afirma o historiador Jorn Rusen (2001). Nesse sentido, o ensino de história pode fazer é desenvolver a consciência histórica para níveis mais complexo e com panoramas de

experiência de passado mais ampliados.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de História. (Coor) OLIVEIRA, Margarida Maria de Dias. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v.21)

História da cidade de São José de Mipibu. Disponível em:
< <http://www.saojosedemipibu.rn.gov.br/municipio/>>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

LIRA, Abimael Esdras Carvalho e SILVA, Luciere Cavalcante da. **A Lei Nº 10.639 entre a teoria e a prática: uma análise curricular do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: UNB, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 4. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.